



TORTO ARADO: are-se o Brasil!

Desenvolvimento Rural, Agricultura Familiar, Economia Agrícola, Meio Ambiente e Sustentabilidade

Marisa Oliveira Santos¹;
Adller Moreira Chaves².

1. Referência bibliográfica.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. 1ª edição. São Paulo: Todavia, 2019.

2. Apresentação do/a autor/a da obra

Itamar Vieira Júnior, escritor brasileiro, nasceu em Salvador em 06 de agosto de 1979. Na adolescência, residiu no estado de Pernambuco, e mais tarde na cidade de São Luís. Começou os estudos de Geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo o primeiro aluno receptor da bolsa Milton Santos, dedicada para jovens negros de baixa renda. Formou-se em Geografia, cursou mestrado e, é doutor em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia com aprofundamento na formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste. Itamar é servidor público do INCRA e, como tal, já recebeu ameaças de mortes e outras violências por sua atuação na divisão equânime de terra e pela proximidade com povos quilombolas.

Dentre os trabalhos literários desenvolvidos, publicou o livro de contos *Dias* (2012); *A Oração do Carrasco* (finalista do Prêmio Jabuti, 2017). Hoje, sua assinatura lhe confere a autoria da trilogia formada por *Torto Arado* (2019); *Doramam* ou *A Odisseia: Histórias* (2021) e *Salvar o Fogo* (2023). Ao receber o Prêmio *LeYa* atribuído ao romance “*Torto Arado*”, o júri presidido pelo poeta Manuel Alegre, justificou a concessão por unanimidade “pela solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como aborda o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, na sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade patriarcal.

¹ Administradora, Doutora em Memória, Linguagem e Sociedade (UESB), Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UESC), Professora Adjunta da UESB/DCSA. mommarisa@gmail.com

² Administrador, Doutorando em Administração (UFBA), Mestre em Administração (UFES). adlller@hotmail.com.



3. Breve síntese da obra

A obra *Torto Arado* foi publicada em 2018 em Portugal e em 2019 no Brasil. A narrativa nasce sob a perspectiva de duas irmãs – Belonísia e Bibiana – marcadas por temáticas sociais de grande relevância: racismo, educação, exploração do trabalho e o direito e acesso à terra na Chapada Diamantina, Bahia. O espaço-tempo ora está dimensionado em um pretérito mais próximo do período da escravidão no Brasil, e por ora Vieira Júnior, com sua escrita, permite atualizar a convergência da temática para os dias atuais, como se o tempo em si, tivesse feito poucas alterações nas condições de desigualdades no rural brasileiro. O acidente traumático que abre o primeiro capítulo, onde uma das irmãs – Belonísia – se acidenta com uma faca, perdendo a fala, vai descortinando uma história envolvente e aproximando as duas meninas até sua fase adulta, ora pela companhia, ora pela própria formação de consciência dada a cada uma delas ao se depararem com elementos contraditórios trazidos pelo enredo e, inevitavelmente para o debate da condição dos povos do campo.

4. Perspectiva teórica da obra

O romance não enfatiza ou nomeia abordagem teórica específica. Portanto, é na biografia do autor e no seu percurso de formação e no talho da escrita, que se ousa esboçar um intento em apontar o campo crítico como precursor da obra, mergulhado provavelmente em elementos do materialismo histórico dialético. O contraditório e a totalidade perpassam pela obra, quando o autor leva a uma imersão num Brasil profundo, que denuncia as mazelas sociais, políticas e econômicas no encontro entre a propriedade privada e a força de trabalho; a produção e a exploração; a fome; as relações de poder; a violência; as ameaças; o julgo; as memórias familiares; a seca; a insubordinação social; a consciência de classe sufocada na historicidade de um povo e sua ancestralidade alvo da opressão e do ensejo acumulação primitiva.

5. Procedimentos metodológicos

Com o objetivo de aproximar da obra *Torto Arado* em suas múltiplas abordagens, a presente resenha deteve-se a um percurso metodológico de recorte. Por essa razão, mesmo reconhecendo que outras leituras possam ser feitas a partir da referida obra por outros ângulos,



ateve-se às seguintes categorias: trabalho e terra, reconhecendo que tal análise está precintada com outros elementos transversais inevitáveis, dentre eles gênero, classe e raça. Com fins de buscar embasamento nas análises, outras obras e autores serviram de alicerce para fundamentarem o campo de análise, dentre esses Tiriba e Alves (2022), Prado Junior (2004), Feitosa (2021), Martins (2021). Buscou-se na revisitação dos três capítulos centrais da obra, apontar por meio de um movimento dialógico, as contradições denunciadas pelo autor na construção do romance que visa sobretudo evidenciar a historicidade, de maneira pujante, delatando as desigualdades sociais que abarcam o rural brasileiro imerso na ancestralidade de povos quilombolas.

6. Conteúdo

A obra *Torto Arado* pode ser analisada por diversos ângulos, perpassa por discussões religiosas, ancestralidade, ruralidade, racismo estrutural, trabalho dentre outros. Em face desses fatores, o livro tem sido fruto de atenção de diversos pesquisadores. Para Corsini (2021), a obra se tornou um sucesso editorial por sua capacidade de revelar a profundidade do Brasil e das pessoas que constroem a história cotidiana desse país. Suas personagens principais, mulheres fortes, lidam e abordam sobre temas como família, cuidado, racismo e a importância da educação na luta por direitos e justiça. Em um ambiente hostil, a narrativa é construída com sensibilidade, mergulhando na cultura, nos mitos e nas discrepâncias sociais no interior do Brasil. Nesta resenha, focaremos na construção de um debate sobre condições relacionadas ao trabalhador e a terra, sem desmerecer transversalmente questões de gênero e raça.

As autoras Andrade (2021), Fernandes (2021) e Lechinewski (2022) debatem como *Torto Arado* demonstra os legados da escravidão para a população negra e rural brasileira. A obra é política e socialmente relevante, pois aborda a condição de vida e as lutas de uma comunidade rural negra no Brasil. A narrativa promove a discussão sobre a história e a memória dos afrodescendentes no país, gerando uma reflexão sobre o legado da escravidão, traumas culturais e a importância da representatividade (FERNANDES, 2021). Como bem notou Feitosa (2021), Vieira Junior não estabelece com precisão as datas dos acontecimentos no livro, podendo ser pouco tempo depois da promulgação da Lei áurea ou um período bem perto dos



dias atuais, em que situações análogas à escravidão são descobertas principalmente de trabalhadores rurais como os casos em vinícolas³ ou cafezais⁴.

Seguindo a discussão, Lechinewski (2022) analisa que Torto Arado externaliza a problemática do trabalho análogo ao escravo no Brasil. Este é fruto do racismo, da desigualdade e da exclusão social, violando os direitos fundamentais de grande parte de trabalhadores, principalmente rurais.

Oliveira e Ferreira (2021) discorrem de um rompimento importante na obra dentro do tema. Durante muito tempo, a representação literária do negro na literatura brasileira foi estereotipada e limitada aos âmbitos social e cultural. Para as autoras, a narrativa revela uma mudança de atitude, em que algumas personagens passam de uma postura submissa e buscam consciência de sua condição, desejosas em transformar a sua realidade. Para as autoras, um dos grandes feitos de Torto Arado é não descrever apenas a condição de subalternidade em nível racial, mas as personagens são levadas a lutarem por modificações da realidade, mesmo que nem sempre consigam. “Coincidentemente”, uma das formas de rompimento que o livro demonstra é através da educação, instrumento que ao mesmo tempo pode romper ou promover a desigualdade, como Darcy Ribeiro na sua célebre frase que a crise da educação brasileira era um projeto e não uma crise.

O trabalho, enquanto elemento fundante da vida humana, percorre toda a obra, está inserido na construção dos modos de vida que revelam as condições precárias na produção da existência das personagens. O trabalho vem carregado da similitude da exploração, pois a força de trabalho é apropriada por uma elite rural, que sequer reconhece a importância da classe trabalhadora, apropria-se do que produzem, usufruem de suas crenças e costumes, e lhe nega o direito ao conhecimento e à educação.

Partindo do princípio que a terra é elemento fulcral para que os povos do campo se constituam no modo de vida e de trabalho em estruturas comunitárias, Tiriba e Alves (2022) enfatizam, em seus estudos, que uma comunidade do campo é sim, reveladora de um modo de vida ou de modos de vida, mas que esses se constituem na interface entre capital e trabalho, logo no contraditório e, portanto, no movimento, essas interfaces vão descortinando a paisagem do “viver a roça”. Ou como ressalta Martins (2021) do “lado de cá” um cenário de intolerância,

³ Para mais informações: <https://www.correio24horas.com.br/entre/moradores-de-cidade-baiana-sao-explorados-em-vincolas-do-sul-ha-mais-de-uma-decada-0323>

⁴ Para mais informações: <https://www.bahianoticias.com.br/municipios/noticia/30696-barra-do-choca-mpt-abre-inquerito-para-apurar-fazendeiro-que-mantinha-trabalho-escravo>



ambição e morte; e “do lado de lá” fica uma residual concepção de esperança atravessada pelo milenarismo, à espera da justiça, da redenção e da fartura.

A ruptura desse desenho e o esmaecimento dessa relação direta homem-natureza, foram também verificados por meio da obra *Torto Arado*. A terra é posse de concessão, mas não é propriedade. É meio de produção, mas o que dela se produz é negado aos trabalhadores e no movimento da subsunção a obra denuncia o perdurar de privilégios dado à elite rural no que diz respeito à terra, sempre alçada na historicidade brasileira como sinônimo de poder (ALENTEJANO, 2012). A luta pela terra e pelos direitos trabalhistas também é silenciada, sequestrada pelo jogo de poder e interesses. O assassinato do personagem Severo, imprime nesse sentido, um amordaçar que toma conta dos leitores, ao passo que também os convidam para as reflexões de um país dual, desigual e por tantas vezes desumano.

O trabalho feminino encontra-se demarcado nos afazeres domésticos e também no trato com a terra. A precarização da condição feminina também é fortemente transcrita na obra. Às mulheres se delega a responsabilidade com a família, enquanto aos homens o provimento da casa, em condições de trabalho onde a subsistência é demonstrada com poucos recursos e muitos limitantes materiais.

Nessa pauta, uma das personagens, a Belonísia, que ficara muda no início da obra em função de um acidente traumático com uma faca, consegue de maneira muito peculiar, por meio da narrativa do Vieira Júnior imprimir uma certa voz imaginária quando demonstra seu desejo e sua inclinação pessoal com a terra, diferentemente das outras mulheres. O fio condutor dessa voz que não consegue estar muda na obra se dá na formação da consciência dela e da irmã Bibiana quando defrontam com os limitantes da vida e da existência naquele território da Chapada Diamantina: no cercear da educação, fazendo de Bibiana posteriormente militante e professora; ou no grito que ecoa na prática cotidiana de Belonísia no não aceite da subsunção da mulher inserida num casamento de exploração e subjugação de sua condição, ou quando delata violências sofridas por outra mulheres por meio da proteção e intervenção.

A obra não se esgota na inserção dos últimos capítulos. Apesar de escolher um recurso metodológico para fins didáticos, reconhece-se que a terra e o trabalho podem ser amplamente debatido e inferir novas reflexões. Os ouvidos surdos da sociedade mais ampla precisa permitir-se às oitivas que Vieira Júnior provoca e não estão silenciadas no Brasil de todos os tempos.

7. Considerações pessoais



A obra literária *Torto Arado*, publicada em 2019 traz por meio de uma escrita cuidadosa e envolvente, e nem por isso menos política e manifesta, as inquietações incursas na história do povo brasileiro, dolorosamente repetidas até os dias atuais na expropriação dos meios de produção, na perpetuação “disfarçada” do escravismo, do direito e acesso à terra, à educação e à emancipação dos povos do campo. Este leitmotiv permite adentrar por meio do romance no espaço-tempo, desvelando uma realidade concreta de povos do campo, aquilombados, que vivem sob o julgo da opressão, da exploração, do silenciamento, do cerceamento de direito em meio ao sistema que os quer invisíveis. Mas é, justamente, no alicerce e na apropriação da escrita que o autor demonstra sua eficaz habilidade em deter seu olhar para os povos do campo e conceder-lhes vozes por meio de suas práticas sociais, no campo de luta sufocados, nos traumas. A realidade expressa pela obra e a não temporalidade colocada pelo autor, nos promove uma reflexão sobre a vida, o trabalho, a terra e as relações destes com trabalhadores rurais, ou principalmente, trabalhadoras.

Em sua obra, Euclides da Cunha (1984) chama os sertanejos e, sobretudo o homem, de forte. Todavia, a obra *Torto Arado* nos permite afirmar: a mulher nordestina são antes de tudo, fortes. A história se desvela com Donana (avó) o centro daquela família e o alicerce. Apesar das duas irmãs terem personalidades diferentes, cada uma demonstrou fortaleza e lutou de sua forma no campo das adversidades impostas no contexto de vida e de trabalho. Bibiana, a mulher forte e independente; Belonísia a mais dócil, revela amor à terra e à comunidade dando-lhe força à luta, apesar dos pesares.

Para o leitor, fica o inquietante manifesto que vibra e perdura no decorrer da leitura e ao término dela: a voz emudecida de Belonísia nunca esteve tão nítida; o campo de luta de Bibiana nunca esteve tão claro e o mover de consciência de Severo nunca convidou tanto o campo da resistência diante dos contraditórios sociais. A impressão que fica é que *Torto Arado* não finda, ele fica e nos convoca, incessantemente, a deter nosso olhar para um Brasil profundo, injusto, desigual, mas sobretudo forte, como todo arado que ao mover a terra, move também vidas e pode transformar “o lado de cá” ou “o lado de lá”, como infere Martins (2021).

8. Glossário.

ALENTEJANO, Paulo. TERRA. In **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.



ALVES, Ana Elizabeth Santos. TIRIBA, Lia (orgs). **Cios da Terra**: sobre trabalho, cultura, produção de saberes e educação do campo. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022.

ANDRADE, P. H. B. de. Itamar Vieira Junior e as heranças da escravidão no Brasil: os explorados deste tempo. **Revista Crioula**, n. 28, p. 113-131, 2022. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2021.197503. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/197503> Acesso em: 8 jul. 2023.

CORSINI, L. Torto Arado e o encontro com o Brasil profundo. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 30, n. 70, p. 114–117, 2022. Disponível em:

<https://revistanps.emnuvens.com.br/nps/article/view/669> Acesso em: 8 jul. 2023.

CUNHA, E. da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

FEITOSA, S. Torto Arado. Estamos diante de um novo clássico da literatura brasileira?

Ciência XI, ano 1, 15 de Abril de 2021. Disponível em:

<https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2021/04/15/torto-arado-estamos-diante-de-um-novo-classico-da-literatura-brasileira/> Acesso em 08 jul. 2023.

FERNANDES, J. O legado traumático da escravidão em Torto Arado. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 11, n. 23, p. 229-248, jan./mar. 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/58674> Acesso em 08 jul. 2023.

LECHINEWSKI, R. E. O Trabalho Escravo Contemporâneo em Torto Arado: uma (re)leitura a partir de vozes silenciadas. **Conpedi Law Review**, v. 8, n. 1, 2022. Disponível em:

<https://www.indexlaw.org/index.php/conpedireview/article/view/9030> Acesso em 09 jul. 2023.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

OLIVEIRA, T.; FERREIRA, A. E. Subalternidade racial em Torto arado: Do silêncio à resistência. **Letrônica**, v. 14, n. 3, 2021. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/39068>. Acesso em: 8 jul. 2023.

PRADO JUNIOR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. Editora Brasiliense, 23ª Ed., 7ª reimpressão, São Paulo, 2004.